

ADELMO GENRO FILHO E A TEORIA DO JORNALISMO:

30 anos de O Segredo da Pirâmide

Copyright © 2017
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

FELIPE SIMÃO PONTES
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

RESUMO - Em 1987, Adeldo Genro Filho apresentou a dissertação e, em seguida, publicou o livro *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Nesta obra, o autor defende que o jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizado no singular, diferente da arte e da ciência, e que não pode ser reduzido a um epifenômeno do capitalismo e ao seu aspecto mercadológico. O presente texto expõe elementos da vida e da curta carreira de Genro Filho, apresenta alguns dos conceitos centrais do livro e discute a atualidade deles diante das transformações pelas quais passou e passa o jornalismo. Dentre as principais demandas contemporâneas, oferece o esforço do autor em explicar a prática do jornalista frente à fenomenologia cotidiana de interpretação dos fatos sociais, sem perder de vista as características epistemológicas, ontológicas e éticas que diferenciam o jornalismo.

Palavras-chave: Adeldo Genro Filho. Teoria do Jornalismo. O Segredo da Pirâmide. Práxis.

“ADELMO GENRO FILHO Y LA TEORÍA DEL PERIODISMO: 30 años de “El Secreto de la Pirámide”

RESUMEN - En 1987, Adeldo Genro Filho presentó su disertación y luego publicó el libro *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo* (El secreto de la pirâmide: para una teoría marxista del periodismo). En este libro, el autor defiende al periodismo como una forma de conocimiento cristalizado en lo singular, diferente del arte y la ciencia, y que no puede reducirse a un epifenômeno del capitalismo y una mercancía. Este texto expone elementos de la vida y una corta carrera de Genro Filho, presenta algunos de los conceptos nodales del libro y los discute la actualidad a las transformaciones del periodismo en los últimos 30 años. Entre las principales demandas contemporâneas, se ofrece el esfuerzo del autor para explicar la práctica del periodista frente a la fenomenología cotidiana de la interpretación de hechos sociales, con las características epistemológicas, ontológicas y éticas que diferencian al periodismo.

Palabras-clave: Adeldo Genro Filho. Teoría del Periodismo. El secreto de la pirâmide [libro]. Praxis.

ADELMO GENRO FILHO AND THE THEORY OF JOURNALISM: 30 years of “The Secret of Pyramid”

ABSTRACT - In 1987, Adelmo Genro Filho [a Brazilian Theoretician of Journalism] presented his dissertation and, then, he published the book “O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo” [The Secret of Pyramid: for a marxist theory of journalism]. In this book, the author defends the journalism as a form of knowledge crystallized in the singular, different of art and science, and that can't be reduced to an epiphenomenon of capitalism and a commodity. This text exposes elements of life and of the short career of Genro Filho, presents some of nodal concepts of the book and discusses the actuality them to the transformations of the journalism in the last 30 years. Among the main contemporary demands, it offers the author's efforts in explaining the practice of journalist against quotidian phenomenology of interpretation of social facts, with the epistemological, ontological and ethical characteristics that differentiate the journalism.

Keyword: Adelmo Genro Filho [theoretician]. Theory of Journalism. The Secret of Pyramid [book]. Praxis

1 Introdução

Autores como Oliveira (1997), Santos (2002) e, em específico, Karam (2007) e Osório (2007) trabalharam para recuperar a importância e influência das ideias contidas no livro *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo* no contexto da história de vida de Adelmo Genro Filho. Este texto, no mesmo diapasão, pretende recuperar parte da história de Genro Filho na relação com a história de suas ideias.

Nesse aspecto, trata do contexto de produção das ideias do livro na relação estabelecida com as ideias de sua época (SKINNER, 2002), bem como do processo de recepção e utilização dos conceitos por seus leitores e difusores. Discute ainda a atualidade dos principais conceitos do livro, em especial a definição nodal de que o jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizado no singular.

Para isso, fundamenta-se no método ontocrítico de análise de um texto clássico (CHASIN, 2009), entendendo os conceitos engendrados pelo autor na trama conceitual por ele estabelecida. Essa aproximação é marxista (MARX, 2007) e lukácsiana (LUKÁCS, 1978; 2012), considerando a produção das ideias na concretude das lutas oriundas da práxis do sujeito e das mediações pertinentes ao

jornalismo e à política de seu tempo. Para isso, utiliza técnicas de análise bibliográfica, documental e entrevistas não estruturadas.

Este texto apresenta como um político de Santa Maria e revolucionário leninista chegou ao posto de professor de Jornalismo na UFSC e escreveu *O Segredo da Pirâmide* como dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSC. Expõe aspectos da publicação realizada praticamente em concomitância com a apresentação da dissertação e o impacto causado pela morte do autor cerca de oito meses após o lançamento do livro.

O artigo também enfatiza alguns dos principais conceitos do livro, o arcabouço marxista que o fundamenta, o balanço que realiza com as teorias que trabalhavam o jornalismo nos anos 1980, a afirmação de que o jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizado no singular e a proposta de ressignificação da concepção de pirâmide invertida. Ao fazer essa exposição, discute a atualidade de algumas das ideias do livro e possibilidades de releituras para o jornalismo dos nossos tempos.

2 Vida e obra

Adelmo Genro Filho nasceu em 25 de dezembro de 1951 em São Borja, Rio Grande do Sul. Ainda criança passou a morar em Santa Maria (RS), local em que seu pai forjou carreira política como educador e liderança do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Adelmo Simas Genro, o pai, foi eleito vereador e, posteriormente, vice-prefeito de Santa Maria, gestão que começou em 1964. Como partidário de João Goulart (Simas Genro redigia os discursos de Goulart quando este era deputado estadual e, depois, foi advogado do ex-presidente), Genro foi deposto após o golpe civil-militar de 31 de março e preso por alguns meses (GENRO, 1983; ADEDE; CASTRO, 2008). Após a saída da prisão, assim como várias correntes de esquerda, a família Genro passou a militar no interior do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Sua casa era ponto de passagem para fugitivos da ditadura que buscavam asilo no Uruguai ou na Argentina.

Nesse clima político, Genro Filho, o quinto filho de seis da família Genro, cresceu em um ambiente de efervescência política e de resistência. Foi Tarso Genro, irmão do meio, que trouxe com mais força o marxismo para as discussões familiares. A atuação política

e cultural e o lastro eleitoral do pai influenciaram a eleição de Tarso Genro em 1968 como vereador de Santa Maria. Porém, meses depois, ele teve que fugir para o Uruguai devido à militância na chamada Ala Vermelha do PCdoB. Genro Filho tinha 13 anos quando o pai foi preso e 18 quando o irmão passou a viver na cidade uruguaia de Rivera como exilado.

Em 1970, Genro Filho cursou Administração na Universidade Federal de Santa Maria. Porém, dois anos depois, decidiu ingressar na primeira turma de Comunicação Social/ Jornalismo daquela universidade. Genro Filho formou-se em 1974 e fundou, juntamente com colegas de curso da universidade e secundaristas, um movimento estudantil e político alternativo, de viés leninista. Oficialmente, era uma unidade do MDB Jovem. Mas, em projeto, o grupo forjava o espaço para a construção do movimento político estudantil no Rio Grande do Sul que ficou conhecido como “Resistência” (que nos anos 1980, em outros lugares do país, foi chamado de “Caminhando”). Recém-formado, ele e seu primo, Daniel Herz (importante pensador e militante pela democratização da comunicação no Brasil), participaram do jornal alternativo *Semanário da Informação*, produzido inicialmente em Ijuí (RS) e depois em Porto Alegre.

Foi um momento fecundo de publicação de artigos para jornais tradicionais e alternativos, tematizando principalmente a arte e a política. Nesse período, em 1975 e 1977, Genro Filho produziu três textos que dez anos depois lhe serviram de base para escrever *O Segredo da Pirâmide: Sobre a necessidade de uma teoria do jornalismo* (GENRO FILHO, 2004a); *Questões sobre jornalismo e ideologia* (GENRO FILHO, 2004b); e *O Jornalismo e a crise da objetividade burguesa* (GENRO FILHO, 2005).

Em 1976, Genro Filho foi eleito vereador de Santa Maria, cargo que exerceu até 1982. Nesse ínterim, alguns fatos são importantes para entender o percurso desse sujeito. Em 1978, Genro Filho e Daniel Herz prestaram seleção para o mestrado em Comunicação da UnB, apenas Herz foi aprovado (HERZ, 2013). Um ano depois, Genro Filho tentou a vaga no programa de Filosofia da UFSM, também sem sucesso (OSÓRIO, 2007). Outro fato importante aconteceu a centenas de quilômetros dali, em Florianópolis. Em novembro de 1979, o então presidente João Figueiredo foi vaiado por populares e reagiu com insultos, episódio que ficou conhecido como “Novembrada”. Dias depois, o vereador de Santa Maria discursou no plenário da Câmara de Santa Maria, declarando que Figueiredo não tinha as “devidas

faculdades mentais” para ser presidente do Brasil. Esse discurso motivou um processo com base na Lei de Segurança Nacional. Em 1982, Genro Filho perdeu as eleições para deputado estadual por uma margem pequena de votos, em que pesou a campanha dos adversários de que, uma vez eleito, teria seu mandato cassado por causa do processo em que era acusado pelos militares.

Fora da pós-graduação, sem um cargo eletivo, sem ilusões de trabalhar na mídia tradicional e com duas filhas pequenas, Genro Filho ficou sem alternativas em Santa Maria. Foi quando seu primo, Daniel Herz, então chefe do departamento do curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFSC convidou-o para ingressar como docente da instituição. Genro Filho passou no concurso e assumiu as disciplinas de Filosofia da Comunicação e Teoria da Comunicação II. Nessa última, ministrou aulas de teorias sobre o jornalismo e que serviram como uma espécie de laboratório para sua dissertação.

Em 1984, Genro Filho iniciou mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSC. No mesmo ano, foi fundado o Partido Revolucionário Comunista (PRC), resultado de um racha do PCdoB e no qual se juntou o grupo do Resistência. Unidade clandestina que atuava no Partido dos Trabalhadores, o PRC reunia políticos como Chico Mendes, Marina Silva e José Genuíno. Em paralelo a sua militância política, Genro Filho trabalhou na dissertação que, em setembro de 1986, ainda se chamava *Introdução aos estudos de Jornalismo*. Foi em conversa com Luiz Carlos Tau Golin, camarada de militância e editor da *Tchê!*, que o título do livro e da dissertação foi concebido.

Bem, havia muito esse filão de livros de autoajuda, essas coisas de revelação. “Vamos revelar [risos]. Um título que tem algo a ser revelado”. Botamos “O Segredo da Pirâmide”. Publicitariamente era genial, mas o efeito nas estantes foi péssimo. O pessoal achava que era livro de autoajuda, achavam que era sobre as pirâmides. Assim como acontecia com Kosik de acharem que a “Dialética do Concreto” era livro de Engenharia. Começamos a achar o livro lá na estante de esotéricos. O título foi uma tragédia, uma tragédia. E a questão da pirâmide é algo altamente especializado, nem o pessoal de jornalismo tem noção. Eu vejo pelos meus alunos. “Teoria da pirâmide”. “O que? Nunca ouvi falar”. Os professores de Teoria da Comunicação nem sabem o que é. Foi um erro crasso. Foi muito inventivo. Tão inventivo que ninguém entendeu (TAU GOLIN, 2013).

O livro tinha por objetivo estudar a especificidade de uma teoria do jornalismo para explicar a prática do jornalista que trabalha com a notícia. Para além dos manuais que ensinavam técnicas para a

produção de notícias e do lead, *O Segredo da Pirâmide* é um manual teórico com o propósito de conceituar essa prática. Mais até do que isso, apresentava uma explicação de esquerda e marxista para o jornalismo, uma vez que as teorias da esquerda até então classificavam a produção noticiosa como subproduto do capitalismo. Genro Filho, dentro de um curso de Comunicação Social/ Jornalismo que se propunha de esquerda, como era o caso da UFSC naquele momento, respondia a uma demanda dos estudantes, que muitas vezes não viam o que se aprendia na prática. Outro fator que localiza a proposição, Genro Filho não escreveu uma teoria para a elite dos jornalistas. Ele não escreveu para os grandes repórteres, colunistas ou editores. Mas para os proletários da informação, os produtores de notícia, ocupação da grande maioria dos profissionais e de todo recém-formado.

O entusiasmo com a nova teoria oferecia demandas advindas dos interlocutores e profissionais: era necessário um manual prático para que o jornalista conseguisse materializar o que se propunha. Segundo relatos de ex-alunos e colegas de departamento, Genro Filho assumia a necessidade de produzir um manual com exemplos de sua proposição. Mesmo que isso não fosse urgente diante das demandas políticas e filosóficas que ele se impunha.

Meses depois do lançamento, em plena atividade política, realizando cursos sobre o marxismo, escrevendo reflexões e críticas à esquerda e reunindo elementos para escrever uma teoria do partido, Genro Filho teve sua vida interrompida por uma fatalidade. Em fevereiro de 1988, faleceu após uma septicemia grave, sem causa definida. A carreira política foi abruptamente interrompida, e *O Segredo da Pirâmide*, deixado para a exegese dos jornalistas e teóricos.

Contraditoriamente, o livro mais acabado de Genro Filho foi sobre o Jornalismo, um interesse tangencial frente ao projeto político e filosófico que mantinha. Além de organizar três livros com artigos de política e filosofia e de escrever com Marcos Rolim e Sérgio Weigert um pequeno livro sobre o jornal *A Hora do Povo* (GENRO FILHO; ROLIN; WEIGERT, 1981), ele deixou artigos, textos de disciplinas e fichamentos de leituras.

3 As principais ideias

O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo é um livro de filosofia para compreender a prática jornalística, mais

especificamente a produção de notícias. Parte de uma concepção marxista da realidade, tendo como referência central o conceito de práxis. Dialeticamente, a práxis é uma atividade de intervenção no mundo com sentido (teleologia, finalidade), produto e causa de um processo reflexivo sobre o fazer e o ser dessa atividade, bem como das mediações que ela estabelece com a complexidade social. Com base na práxis, entende-se o homem como um sujeito que pensa o mundo e também é parte desse mundo. Outra característica da práxis, ela é crítica ao modo como os fenômenos se apresentam, entendendo que toda manifestação é parte da essência, mas nunca o próprio ser da coisa. Sob esse aspecto, o concreto é resultado da atividade crítica humana que não aceita a reificação e a coisificação do mundo da vida.

O conceito de práxis é organizador do pensamento de Genro Filho presente em *O Segredo da Pirâmide*. Quer dizer, como pensar a potência do jornalismo, entendendo essa atividade como práxis e o jornalista como sujeito crítico dos fenômenos com os quais trabalha? Como a teoria pode servir para revelar a essência de uma prática (a produção da notícia), indicar sua necessidade para uma sociedade justa e igualitária, e assim valorizar o agente desse processo como sujeito de sua prática, como produtor de conhecimento?

A teoria não pode se furtar dessa tarefa, defende Genro Filho. Pois a prática sem o arsenal conceitual e histórico, ainda que cônica de sua importância, não consegue substanciar essa importância nem fazer frente aos processos diuturnos de reificação e estranhamento a que está sujeita. Por outro lado, uma teoria que não se coloca a tarefa de explicar a prática, de ser crítica a essa prática e de se converter em mediação da práxis, abdica de sua tarefa ética de intervenção no mundo. O jornalista carecia e carece de teorias. De teorias que não ignorem a prática, mas também de teorias que não sejam subservientes ao *status quo* ossificado da prática jornalística e das relações de dominação que a subordinam. A dimensão gnosiológica não pode ser concebida apartada de uma ontologia crítica da realidade, bem como de uma dimensão ética.

A tarefa de deslindar *O Segredo*, portanto, está subordinada a essa concepção de teoria e de práxis. Genro Filho realiza críticas a várias teorias que problematizam o jornalismo, constituindo, paulatinamente seus raciocínios para exposição mais evidenciada de suas respostas nos capítulos sete, oito e nove do livro. O autor critica as teorias que entendem o jornalismo como uma função de resposta ao organismo social (primeiro capítulo); as concepções da prática de redação e dos

manuais que valorizam a neutralidade e a objetividade jornalísticas (segundo capítulo); apropria-se criticamente da definição de Park que considera as notícias como forma de conhecimento, porém não aceita a conformação da produção e da circulação das notícias à estrutura econômica e política vigente (terceiro capítulo); as concepções sistêmicas que concebem a informação e o jornalismo com base na superioridade da quantidade frente à qualidade (quarto capítulo); a Escola de Frankfurt, que reduz todo processo jornalístico à mercadoria ou que rebaixa a notícia ao status de subproduto da publicidade burguesa (quinto capítulo). Nesse mesmo capítulo, Genro Filho critica as concepções que consideram a comunicação popular e comunitária como solução para a produção jornalística. Ainda, faz críticas consistentes à abordagem tradicional que os partidos comunistas e autores do marxismo têm do jornalismo como instrumento, como meio de exercício da propaganda do partido (sexto capítulo).

É se diferenciando dessas propostas, capítulo a capítulo, que Genro Filho expõe sua tese. Sigamos com a necessária filosofia. É uma tradição na filosofia clássica conceber a realidade sob a dupla universalidade/ singularidade. A universalidade se revela na concepção, no todo, na regra, na explicação lógica da realidade que converge e determina as partes. A singularidade, por sua vez, é o único, o factual, o fenomênico, o atual, o acontecimento. A singularidade é a manifestação, o fenomênico, mas também a efetivação, quando o conceito se concretiza na realidade (em termos hegelianos). Com Kant, uma categoria de mediação emerge como central para se perceber os caminhos possíveis que levam da singularidade à universalidade e da universalidade à singularidade. A categoria em questão é a particularidade, os espaços de disputa, de luta pela aglutinação do conceito e da prática. As categorias da vida prática e teórica que permitem agrupar acontecimentos, pessoas, temporalidades em zonas de interesse e conflito. São chaves que possibilitam entender que um dado acontecimento está articulado com outros em um projeto de sociedade, por exemplo, que diverge de muitos outros projetos que disputam a concepção dominante. Hegel torna a tríade universal/ particular/ singular central em sua lógica. Lukács é quem traz para o marxismo tais categorias lógicas, pensando-as na ontologia da vida prática. Em sua *Estética*, Lukács defende que a arte se cristaliza na particularidade, da mesma forma que a ciência, na universalidade. Genro Filho propõe, nessa divisão do conhecimento, que o jornalismo trabalha com a singularidade.

É muito diferente de defender que o jornalismo trabalha com fatos, que deve ser objetivo aos acontecimentos e neutro quanto às posições ideológicas em disputa na sociedade. Dizer que o jornalismo trabalha com e produz a singularidade significa, primeiramente, que os jornalistas (conscientes ou não, querendo ou não), relacionam singularidade, particularidade e universalidade, pois ao apresentar um dado acontecimento social sob a forma de um fenômeno (da singularidade), um processo de discussão e de seleção das mediações (particularidade) que produzirem esse acontecimento passa a pautar o trabalho jornalístico, resultado de um horizonte universal em disputa ou mais consolidado. Esse processo de exposição de um fato na notícia pela forma do fenomênico não significa que o conteúdo não se relacione com o universal e o particular. Muito pelo contrário. Sempre o faz.

O jornalista é o responsável por expor a dimensão singular do fato social para que o processo de recepção da notícia simule o contato fenomenológico da percepção. Porém, diferente da percepção que costuma se manter apenas no fenomênico, na certeza sensível, o jornalista não apreende a notícia dessa maneira. Há um conjunto de categorias de mediação predispostas no processo de apropriação deste fato (política editorial, formas de organização do trabalho, processo industrial, posição política do(s) jornalistas, etc.) que se coloca em relação com as mediações que advêm da produção deste fato social. No fundo, projetos em cada segmento que o jornalismo cobre, diuturnamente estão em processos de equilíbrio/ tensão com os sistemas de produção de sentido de outras áreas sociais e de outros grupos. Em jogo, a universalidade, a dimensão do sentido de toda a sociedade. A universalidade não é perene, mas histórica, não é fechada, mas está em construção.

Para as diferentes teorias criticadas por Genro Filho, o jornalismo informativo e a notícia especificamente teriam uma função conformadora da visão hegemônica da sociedade, um instrumento da classe dominante, ou mesmo uma espécie de controle de tudo o que sai da normalidade. Seria um agente de propaganda que precisa estar a serviço do partido. Para os críticos, influenciados em partes pela visão de Habermas, o jornalismo somente voltaria a ser agente de transformação se evidenciasse nos seus produtos textuais as visões em disputa, com defesas opinativas explícitas das mediações. A notícia, para as visões críticas, ao expor o fenomênico, reifica (simplifica, reduz, coisifica) disputas de sentido sob o mantra

da objetividade e da neutralidade da prática profissional. Essa seria a natureza da notícia. Ela serviria apenas para conformar, acalmar, controlar os conflitos, difundir a normalidade calma da hegemonia capitalista/ burguesa.

Genro Filho concorda com a crítica ao modo como é feita a notícia. Explicita, especialmente no capítulo dois de *O Segredo*, que o jornalista muitas vezes aceita e reproduz mediações que não compartilha, que desconhece ou até mesmo que passa a acreditar porque “tudo é assim mesmo e nunca vai mudar”. Trata-se de uma tendência que nega a história, pois transforma o histórico em perene. Nega o potencial dos sujeitos de mudar a história, de contar de outras formas, de questionar, de mudar o que está errado. Nega a si mesmo na prática profissional. Nega toda a sociedade ao não ver em cada fato um potencial crítico. Ou seja, coisifica. E quando a mudança ocorre, quantifica, sensacionaliza e coisifica novamente. Quer seja, trabalha na reorganização da doxa dominante diante de qualquer paradoxo que se apresente (SILVA, 2013), sem questionar a particularidade que envolve sua prática, seu veículo/ empresa e as demais particularidades com as quais se relaciona (política, economia, etc.).

Porém, ainda que crítico, Genro Filho nega que essa seja a essência da notícia, o potencial dessa práxis. Primeiro, por uma detecção empírica: é possível expor notícias bem-feitas sobre determinado fato social, com a evidenciação do fenomênico, mas que apresenta dimensões (e contradições) críticas nas mediações que estruturam tal fato. Genro Filho sai do empirismo para indicar que no decorrer do último século, a interdependência dos sujeitos, lugares e contextos, possibilitada pelo avanço do capitalismo cria as condições para que fatos que antes eram isolados e diziam respeito a uma realidade, passassem a interessar a todo o mundo. A universalidade da produção, a emersão da categoria humanidade, a crescente malha tecnológica, as migrações constantes (fluxos de pessoas e recursos), o fim dos espaços desconhecidos no planeta, nos colocam em relação, na qual singularidade, particularidade e universalidade se sistematizam e aceleram as contradições do próprio sistema. O jornalismo informativo é fruto da necessidade desse cosmopolitismo. E se desenvolve com mais ênfase nos locais onde essas trocas são mais intensas. Crescentemente (Genro Filho dizia isso em 1987) a necessidade da informação é maior e a necessidade de informações que ofereçam singularidade ao invés de certeza sensível, muito mais.

Seria certo que o projeto de mundo socialista, igualitário, justo abandonasse um produto que apresenta, sob a forma do fenomênico, interdependências cada vez maiores com as particularidades e, em um horizonte, com o universal? Mesmo que, avançando no pensamento de Genro Filho, seria certo abandonar a notícia como subproduto do capitalismo, quando ela oferece ainda hoje a porta de entrada e valor mobilizador de toda a produção simbólica cristalizada em outros gêneros do jornalismo e como fonte mobilizadora da vida social?

Dessa forma, Genro Filho conceitua a notícia como resultado de uma práxis, uma forma de conhecimento sob a singularidade, diferente da arte e da ciência, mas também importante para o acesso dos sujeitos à vida em sociedade. Após essa exposição filosófica, Genro Filho explica o que entende por essa cristalização da forma de conhecimento ao expor o “segredo da pirâmide”. A notícia costumeiramente se estrutura sob a forma do lead, respondendo às seis perguntas clássicas logo no primeiro parágrafo e, depois, nos parágrafos seguintes, expondo as consequências e as causas dos fatos. A técnica da pirâmide invertida destaca que as informações mais importantes, essenciais devem vir no primeiro parágrafo da notícia sob a forma do lead. O jornalista deve ser específico, evitar generalizações e evidenciar o que há de maior valor-notícia. Dessa forma, decorrências e consequências do ocorrido, menos importantes, deveriam vir nos parágrafos seguintes.

Genro Filho, ao expor a notícia como uma forma de conhecimento cristalizada no singular, propõe a reversão da pirâmide. A exposição da notícia não iria do mais importante para o menos importante, mas da singularidade para a particularidade. Essa mudança ressignifica a prática, pois ao invés de enfatizar o imediato, o único, o fenomênico como o mais importante, e a mediação como menos importante, descartável, insere o fenomênico como resultado e como causa de uma série de interferências na dinâmica social, na qual o jornalista realiza uma seleção, coloca o fenomênico em uma relação de sentido. “A singularidade, portanto, encarna essa contradição do jornalismo, pois estrutura sob a base da certeza sensível um conhecimento mediado tanto nos fatos sociais apreendidos como nas esferas de produção de significados pelos jornalistas” (PONTES, 2015, p. 367).

Ao destacar o fenomênico, o jornalismo realiza uma espécie de simulação, uma vez que apresenta algo que já ocorreu como se tivesse ocorrendo, sob um dispositivo (texto, imagem, som) distinto

da realidade. Além disso, evidencia o imediato. “A medida que o fenômeno é apenas uma face do concreto, ele tanto revela quanto esconde a essência. O singular, da mesma forma, não é mais do que uma das dimensões do concreto, sendo elemento constituinte do universal e também seu produto: não existe relação humana sem mediações objetivas e subjetivas” (GENRO FILHO, 1987, p. 128-129).

Esse processo de reconhecimento da relação mediato/ imediato é responsável por inúmeras confusões na prática e no ensino do jornalismo. Um dos desafios é o de conseguir revelar através do imediato as conexões da mediação, transformando o abstrato sensível da apreensão imediata e o abstrato da apreensão teórica em exposição concreta do fenômeno em sua relação com a imediaticidade e a mediaticidade do cotidiano. Passa pelo itinerário do jornalista reconhecer, ao máximo possível, os critérios de mediação de sua prática e dos fatos sociais que apreende, estando aí a possibilidade de captar pela via do singular, conexões que apenas o conhecimento da particularidade e da universalidade pode oferecer (PONTES, 2015, p. 367-368).

A transformação da prática jornalística em práxis passa, em todas as dimensões, pelo papel que a teoria exerce na exposição das categorias pertinentes. Genro Filho coloca o jornalismo no horizonte do projeto de transformação social, por justiça e igualdade e por um projeto socialista. Mais especificamente, aponta que a práxis jornalística na produção de notícias tem potencial revolucionário, pois pode apresentar “a realidade que transborda do conceito” com elementos *do* cotidiano *para* o cotidiano.

4 A atualidade do pensamento e as demandas por avanços

Trinta anos após o lançamento de *O Segredo da Pirâmide*, o jornalismo passou por transformações significativas. Sendo uma profissão que se forja e se desenvolve em estreita relação com a indústria da informação, as mudanças tecnológicas impactam no desenvolvimento técnico e conceitual da atividade. Formas contemporâneas de precarização do trabalho jornalístico coincidem com o avanço da produção e circulação da informação em todas as esferas da vida cotidiana, com formatos e técnicas distintas para oferecer as informações ao público e de compartilhar informações com ele. A aceleração da vida, o aumento em quantidade de informações disponíveis e a instantaneidade colocam desafios para a compreensão da notícia contemporânea e de sua necessidade (GARCIA, 2009).

Em tempos de consumo de informação gerenciado por algoritmos das redes sociais e sites de buscas, do apelo por textos clicáveis e de produção robotizada do lead, discutir o jornalismo como conhecimento oriundo de uma práxis torna-se central. A capacidade de colocar em relação o imediato e o mediato, de entender o processo objetivo e subjetivo dos fatos sociais (criticar a reificação) e de compreender as necessidades que o jornalismo ainda cumpre nesse cenário de “cegueira branca informacional” (em que todos os complexos sociais possuem uma dimensão midiática) colocam a singularidade como fator ainda mais estratégico. A política do fenomênico transpassa público e privado, espaços profissionais e amadores, fontes e *gatekeepers*. Exacerbaram-se a coisificação, o aceite acrítico de interesses particulares e as rotinas esterilizantes, constituídas por jornalistas jovens, mal remunerados, inseguros no emprego, produzindo para várias plataformas, com alta carga de trabalho, reproduzindo estereótipos e valores éticos que lhe são estranhados. Como destaca Costa (2016), o robô veio substituir o jornalismo robotizado. O problema não está na máquina, mas na coisificação dos sujeitos.

No jornalismo online, a estrutura do lead não é preponderante na apresentação da notícia. As múltiplas possibilidades de acesso, a convergência midiática, a multimídia e a fragmentação de textos apontam para aspectos distintos de constituição do singular signifiante, isto é, da estrutura que orienta a percepção dos acontecimentos. Ainda assim, percebe-se que essa diversidade na técnica de expor a notícia não significa maior articulação com a particularidade e a universalidade, nem um maior senso crítico proporcionado pela produção jornalística.

O modo como as pessoas se informam na dimensão cotidiana da certeza sensível, da percepção permanece elemento central para se entender a produção noticiosa. É essa “simulação” que permanece cara ao jornalismo, forma de conhecimento que cristaliza o conteúdo sob a forma da singularidade, resultado da particularidade de seus processos industriais e dos diferentes sentidos advindos de outras particularidades produtoras de fatos sociais. O jornalismo trabalha na articulação recíproca de singularidade e particularidade. As redes sociais, de certo modo, apontam para formas, operações de recepção/ percepção pelas pessoas. E o jornalismo, muitas vezes apenas com título e chamada, com um *tweet*, tem o potencial de colocar na singularidade ainda mais exacerbada da apresentação

do fato relações com a particularidade e a universalidade. Desde que não se prenda apenas ao fenomenológico, à certeza sensível, à reificação de sua práxis e da práxis social, mantém-se a força da proposta de Genro Filho de apresentação de conteúdos (inclusive mais universais) sob a forma do singular. Dessa percepção decorre outra. Para além da construção do singular-significante que estrutura o lead, ou da estrutura da notícia, entendemos que o jornalismo em todas as suas manifestações pode ser compreendido pela concepção de singularidade.

Nesse aspecto, recuperamos considerações já realizadas (PONTES, 2015, p. 377-380) de que o lead e o gênero notícia não são as únicas medidas para afirmar o que é mais ou menos jornalismo. A concepção de Genro Filho de que outros gêneros, como a reportagem, seriam manifestações da particularidade do fato ou caminham para outras formas de conhecimento é resultado de um formalismo que justifica muitas das críticas que *O Segredo da Pirâmide* recebe. Nesse aspecto, defende-se que “Se a notícia é resultado do trabalho humano [...] a relação deve ser deslocada para as condições de produção, circulação e consumo dessa notícia. Em suma, o que está em jogo é o processo de singularização e particularização, movimento que leva do particular ao singular e do singular ao particular” (PONTES, 2015, p. 377). Em consequência, depreende-se que:

[...] a maneira de escapar à certeza sensível e à indizibilidade de um dado acontecimento/ fato social está no infinito processo de aproximação à manifestação da singularidade, de tal forma que haja uma superação contínua da imediatez, em que se transforme em uma nova imediatez, superior e posta. Assim, a cada nova aproximação é possível realizar correções, estabelecer mediações mais qualificadas, compreender novas causalidades e, desta forma, qualificar a singularidade, exigindo cada vez mais novas formas de particularizações e, por conseguinte, um movimento contínuo de entendimento à totalidade. Nessa fórmula é possível compreender, por exemplo, o exercício do jornalismo ao noticiar um dado fato novo, um acontecimento inesperado, e não haver muito a dizer inicialmente para além da detecção do fato. Em seguida, com apurações, novas questões e informações, os jornalistas avançam para novas notícias, singularidades que vão complexificando e tornando cada vez mais único aquele fato. O que se desdobra em novas notícias, reportagens, comentários, opiniões de especialistas, charges, gerando um regime discursivo cada vez mais integrado para responder à explicação desse acontecimento. Quanto mais superior for a singularidade, ou seja, quanto mais ela envolver e impactar sobre a totalidade das relações sociais, maior o valor-notícia que adquire (PONTES, 2010).

Notemos, não estamos mais falando apenas de uma notícia, mas como o valor-notícia, o processo de aproximação constante dessa singularidade posta e superior mobiliza vários gêneros e várias notícias (PONTES, 2015, p. 377-378).

O jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizado no singular. Mas não é o singular da certeza sensível. Ao jornalista não cabe a reprodução superficial da realidade sem considerar analítica e criticamente quais mediações engendram o fato social, quais mediações condicionam as consequências desses fatos sociais e mobilizam o próprio fazer do jornalismo.

O jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizado no singular e este singular está diretamente vinculado ao particular e ao universal, pois singular é a forma do jornalismo, não seu conteúdo. Portanto, se o jornalismo é um processo de conhecer que exige o exercício crítico das mediações, há gradações de conhecimento possíveis de se identificar nas apurações e textos jornalísticos. Quanto mais as mediações são investigadas, quanto mais investimento intelectual e formativo os jornalistas oferecem aos leitores para reconstituir a dimensão fenomênica do fato social, mais força ganha essa singularidade, pois ela, em sua exposição, trará a dimensão dos conceitos que materializam os fatos sociais.

Nesse aspecto, os próprios fatos sociais trazem uma dimensão jornalística a ser explorada e que já veio explorada, trazem uma dimensão de conhecimento acumulada socialmente. Do mesmo modo, os leitores também detêm a capacidade de transformação da singularidade das informações para as mediações do cotidiano. O jornalista, como mediador, precisa reconhecer esse processo de acúmulo social para o exercício constante de abismar os fatos sociais, abismar a estrutura de pensamento, abismar o *status quo*, abismar a distância que existe entre o pensar criticamente e o agir criticamente.

É possível avançar para caracterizar o jornalismo como uma prática que se espalha para outros setores da sociedade, estabelecendo relações de complexidade com outros complexos e estabelecendo mediações pertinentes para a vida social. A vida cotidiana está cada vez mais vinculada à informação, tanto na recepção quanto na produção de conteúdos, resultado da crescente convergência e da portabilidade proporcionada pelos dispositivos midiáticos. “O resultado é a integração e a dinamização do jornalismo, já que a produção sob o regime da imediatez e da singularidade é cada vez mais intenso e modelador do comportamento social”. Desse modo, verifica-se uma inflação do jornalismo, para além da capacidade de mediação do jornalista (PONTES, 2015, p. 380).

O jornalista precisa reconhecer o que os leitores querem,

não para reproduzir esse desejo nos resultados do seu fazer, mas para oferecer formas de pensar que detectem o abismo que existe entre o que se pensa sobre a realidade, o que é a realidade e como agir na realidade para transformá-la. Nesse sentido, conectamos o jornalismo à atividade democrática, ao seu potencial crítico e revolucionário, à sua atividade diuturna em qualificar a compreensão dos fatos sociais por meio da exposição de sua dimensão fenomênica. Uma crise da prática não deixa de ser uma crise de conceitos. Retornando à proposição das primeiras páginas de *O Segredo*, tem-se que avançar nesse diálogo de mudos. E a teoria tem o dever de dar o primeiro passo.

REFERÊNCIAS

ADEDE Y CASTRO, João M. **Adelmo Simas Genro**: um defensor da democracia e dos direitos humanos. Santa Maria: Palotti, 2008.

CHASIN, José. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

COSTA, Andriolli B. Jornalismo robô e jornalismo robotizado. As transformações no ethos a partir da interação mediada por dispositivos. XIV Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo. Palhoça (SC), 2016. [texto disponibilizado pelo autor]

GARCIA, José Luís (org.). **Estudos sobre os Jornalistas Portugueses**: metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI. Lisboa: ICS, 2009.

GENRO, Adelmo Simas. **Um tal Mathias Capador**. Santa Maria: Martins Livreiro, 1983.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987a.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: Para uma teoria marxista do jornalismo. Dissertação. Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, 1987b.

GENRO FILHO, Adelmo. Sobre a necessidade de uma teoria do jornalismo. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, p. 160-163, jan-jun, 2004a. Disponível em: <www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/view/5984/5453> Acesso em: 20 mai. 2012.

GENRO FILHO, Adelmo. Questões sobre Jornalismo e Ideologia. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, p. 164-167, jan-jun, 2004b. Dispo-

nível em: <www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/view/5984/5453> Acesso em: 20 mai. 2012.

GENRO FILHO, Adelmo. O Jornalismo e a crise da objetividade burguesa. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, p. 175-177, jan-jun, 2005. Disponível em: <www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/view/5937/5408> Acesso em 20 mai. 2012.

GENRO FILHO, Adelmo; ROLIM, Marcos; WEIGERT, Sérgio. **Hora do Povo**: uma vertente para o fascismo. São Paulo: Brasil Debates, 1981.

HERZ, Daniel K. Adelmo Genro Filho e o Jornalismo. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v.10, n.2, p. 443-478, jul/dez, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2013v10n2p443/25747>> Acesso em: 27 dez. 2013.

KARAM, Francisco J. 20 anos de O Segredo da Pirâmide. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v 4, n 1, p. 167-176, Florianópolis, jan/jun, 2007. Disponível em: <<http://journal.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/4795/4071>> Acesso em: 27 set. 2012.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LUKÁCS, György. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. **Revista Temas de Ciências Humanas**, São Paulo, 1978. Disponível em: <www.giovannialves.org/Bases_Luk%20E1cs.pdf> Acesso em 05 mar. 2013.

LUKÁCS, György. **Para uma Ontologia do Ser Social**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

OLIVEIRA, Cláudia Regina. Adelmo Genro Filho. In: MELO, José Marques de (coord.); RAHDE, Maria Beatriz (Org). **Memórias das Ciências da Comunicação** – o grupo gaúcho. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 111-131.

OSÓRIO, Pedro S. **O Segredo da Pirâmide** – algumas notas e lembranças. In: AMARAL, Márcia F. et al. A Contribuição de Adelmo Genro Filho. Santa Maria: FACOS, 2007, p. 37-49.

PONTES, Felipe S. **Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

PONTES, Felipe S. **Teoria e História do Jornalismo**: desafios epistemológicos. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANTOS, Marli. Adelmo Genro e o pensamento comunicacional brasileiro:

uma releitura do jornalismo informativo. **Revista Comunicação & Sociedade**, v. 1, n. 38, 2002. Disponível em: <www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4168/3921> Acesso em: 10 maio 2012.

SILVA, Marcos Paulo da. **A construção cultural da narrativa noticiosa**: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

SKINNER, Quentin. Significação e Compreensão na História das Ideias. In: **Visões de Política**: sobre os métodos históricos. Lisboa: Difel, 2002a, p. 81-126.

TAU GOLIN, Luiz C. **Entrevista** [23 jul. 2013]. Entrevistador: Felipe Simão Pontes. Porto Alegre, 2013, 1 arquivo em mp3 (153 min).

Felipe Simão Pontes é professor do Departamento e da Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Pós-doutor em Jornalismo pela UEPG, Doutor em Sociologia Política e Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: felipe271184@yahoo.com.br.

RECEBIDO EM: 08/12/2016 | ACEITO EM: 05/03/2017